

Paixão-pesquisa: encontro com o “fantasminha camarada”

Maria Luiza Cardinale Baptista

Resumo

O presente artigo aponta algumas questões relacionadas ao processo de produção de conhecimento sistemático em trabalhos de investigação científica. Discute a necessidade da implicação intensa do sujeito que produz e de uma revisão dos critérios de reconhecimento do saber produzido. A discussão proposta relaciona-se à epistemologia no ensino da pesquisa, no sentido da necessidade de se repensar a quem interessa - e se interessa - o pesquisador, ser pensante, produtivo, que cria e se recria no encontro com universos desconhecidos, com o 'Fantasminha Camarada' do Conhecimento. A temática é apontada, a partir da vivência de prática e ensino da pesquisa em Comunicação Social.

Palavras-chave: pesquisa, ensino, epistemologia.

Abstract

The present article points out some subjects related to the process of production of systematic knowledge in works of scientific investigation, discussing the need of the intense implication of the subject that produces and a revision of the criteria of recognition concerning the knowledge produced. The proposed discussion refers to the epistemology in the teaching of the research, in the sense of the need on the part of whom it may interest to rethink - and s/he is interested - the researcher, a thoughtful, productive being who creates and is recreated in the encounter with unknown universes, with the "Friendly Ghost" of the Knowledge. The theme is approached, starting from the practice and teaching of the research in Social Communication.

Key words: research, teaching, epistemology.

E então, que quereis...?

Fiz ranger as folhas de jornal
Abrindo-lhes as pálpebras piscantes.
E logo
De cada fronteira distante
Subiu um cheiro de pólvora
Perseguindo-me até em casa.
Nestes últimos 20 anos
Nada de novo há
No rugir das tempestades
Não estamos alegres,
É certo,
Mas também por que razão
Haveríamos de ficar tristes?

O mar da história é agitado.

As ameaças e as guerras
Havemos de atravessá-las,
Rompê-las ao meio, cortando-as
Como uma quilha corta as ondas.
(Poema de Maiakóvski - 1927)

A intenção deste texto é compartilhar algumas inquietações do processo de produção e de ensino de pesquisa, a partir da experiência na área da Comunicação. Há algum tempo, venho realizando um trabalho sistemático como pesquisadora e como professora de Teoria e Métodos de Pesquisa em Comunicação, primeiro na Universidade de

Maria Luiza Cardinale Baptista é Mestre e doutoranda pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), professora e pesquisadora no Departamento de Comunicação Social da Universidade Luterana do Brasil.

Textura	Canoas	n. 1	2º semestre de 1999	p. 67-78
---------	--------	------	---------------------	----------

Taubaté/SP - 1990-1991 - e atualmente na Universidade Luterana do Brasil, em Canoas/RS - desde 1992 -, além, é claro, do trabalho específico em nível de pós-graduação junto à Universidade de São Paulo. Estes dados, na verdade, têm o objetivo de identificar quem escreve este texto. A partir de que lugar eu 'falo'. Mais que isso, além dessa identificação formal, manifesto minha intensa paixão pela pesquisa, pela prática de ensino e pela metodologia. Busco incessantemente parâmetros que me auxiliem na produção do conhecimento, de maneira obstinada, séria - sem ser sisuda -, rigorosa, segundo o que eu tenho chamado de paixão-pesquisa. Segundo o que me orientou para criar o slogan: "Loucos de paixão-pesquisa" para os integrantes do Curso de Comunicação Social da ULBRA, em 1995, quando exercia o cargo de coordenação.

Feitas as apresentações, começo dizendo que o poema de Maiakóvski parece-me ilustrador dos desafios com os quais nos deparamos, no cotidiano da pesquisa e de seu ensino. A sensação é de que estamos em pleno "rugir das tempestades", à medida em que vivemos a turbulência decorrente do que vem se chamando de a "crise dos paradigmas", ou "crise do paradigma" (Medina, 1990-91; Medina e Greco, 1994; Santos, 1988; Capra, 1990; 1991; 1997; Crema, 1989). Há vários textos que trabalham na direção de apontar 'o novo' paradigma. Discordo, entretanto, da perspectiva. Acredito que não se trata mais de encontrar 'o' paradigma, mas de compreender que a crise mesma relaciona-se à existência de modelos rígidos, aos quais o cientista deve-se filiar. A noção de paradigma, elaborada por Thomas Kuhn (1976), explica o desenvolvimento do conhecimento, sob a lógica de um desenvolvimento linear, mecânico, em ciclos e rupturas. Tudo muito adequado às concepções de Modernidade.

Hoje tem-se uma compreensão diferente. Vive-se a transformação da paisagem da Ciência, construída desde a Revolução Científica como cenário fixo, supostamente como único, expresso nas frases: "isso é científico" ou "é cientificamente comprovado". Cenário em que os critérios para estabelecer as produções merecedoras destas rubricas,

claro, são definidos pela auto-intitulada "comunidade científica". A elite do saber, em cenários em que saber e poder sempre estiveram muito próximos.

As profundas transformações contemporâneas, que se acirram vertiginosamente na segunda metade deste século, colocam-nos diante da urgência de repensar a produção do conhecimento, seu processo, os sujeitos produtores de saber e seu reconhecimento. O real contemporâneo pede um cientista novo para compreendê-lo. Um cientista mais sensível e atento à lógica da complexidade sistêmica destes tempos pós-modernos. Tempos de desmanche, como eu chamei em outro texto (Baptista, 1996c).

Como elemento importante entre os desafios do processo de ensino-aprendizagem, ressalto a interferência das tecnologias da inteligência e dos dispositivos comunicacionais (Lévy, 1993; Debray, 1993, 1994; Kerckhove, 1995, 1997). Parece-me que uma questão-chave está justamente no processamento das informações, na qualidade desse processamento. Com o grande desenvolvimento das tecnologias comunicacionais, que possibilitam o acesso a cada vez mais informações, de lugares mais distantes, em menos tempo, cria-se uma situação em que em grande parte dos casos, a quantidade de informações não seja mais problema. A dificuldade passa a ser processar tudo o que conseguimos acessar. Como 'digerir' a complexa trama de informações, de fontes, características, interesses, formas tão distintos?

A overdose informacional resulta em versões múltiplas do real e versões de todos os tipos, inclusive acadêmicas, inclusive no que tange à produção do saber, ao reconhecimento do saber produzido, aos sujeitos que o produzem. Quer dizer, vivemos o caráter efêmero também relacionado à produção do conhecimento. E se uma das características do Pós-Moderno é o reconhecimento da superficialidade como traço contemporâneo, em meios acadêmicos pode-se perceber uma profunda "contaminação" desta marca. Neste sentido, alguns professores-pesquisadores defendem que projetos de pesquisa podem se transformar em pré-projetos, sem muito detalhamento, porque devem ser feitos rapidamente, porque ninguém tem tempo para ler projetos imensos,



porque isso reduz custos...

Diferente disso, defendo que se trabalhe no sentido de garantir o mergulho nas 'profundezas' do conhecimento. Não que isso passe necessariamente por calhamaços ou que a medida da profundidade esteja no número de linhas escritas, mas que a proposta não seja a redução deste número, pela redução. Vale ressaltar ainda que a proposta não é a viagem para o mundo da abstração, sem conexões, com a vivência, com o real. Ao contrário, entendo que a produção do conhecimento só vai fazer sentido se atingirmos níveis complexos do saber e tivermos condições de comunicá-los. E, a propósito, níveis complexos do saber só existem em decorrência de um real, resultante da experiência intensa. Neste sentido, é importante o alerta de Varela:

(...) sin abrazar la relevancia e importancia de la experiencia cotidiana humana, el poder y la complejidad de las ciencias cognitivas contemporáneas podrían generar una cultura científica dividida en la cual nuestras concepciones científicas de la vida y de la mente, por una parte, y nuestra autocomprensión cotidiana, por la otra, se vuelvan inconciliables. A nuestro juicio, pues, estos problemas, aunque científicos y técnicos, son inseparables de preocupaciones profundamente éticas que requieren una comprensión nueva e igualmente profunda de la dignidad de la vida humana. (Varela, 1992, p.23)

Retomando a questão das tecnologias da Comunicação, convém ressaltar que esta também precisa ser pensada sob um outro prisma, quando relacionada à pesquisa. O aluno que pretendemos um futuro *produtor* - e não reprodutor - de conhecimento (Hecker Ferreira, 1998; Restrepo, 1998) é alguém que, como nós mesmos, convive com a trama comunicacional - trama de veículos de comunicação e trama de formas expressivas, trama de fluxos informacionais em geral. Estas tecnologias enredadas numa malha complexa constituem ambiências, interferem no modo de ser e de viver desses sujeitos, à medida em que são referências na estruturação da linguagem, do pensamento, das relações, enfim, na convivência. Então, a trama comunicacional está no sujeito, na pele, no sangue, na sua corporalidade.

Sujeito barata-tonta.

Observe que neste ponto deparamo-nos com o dilema: como, diante de tantas ofertas de atividades, diante de tantas estratégias de sedução, diante da overdose informacional da Comunicação das Baratas Tontas (Baptista, 1993; 1996a) nós formaremos sujeitos pesquisadores, sujeitos produtores de conhecimento? Com que argumentos temos tentado convencê-los do que, é claro, acreditamos e experienciamos cotidianamente: pesquisar é bom. Pesquisar é prazeroso porque, entre tantos encantos, nos possibilita o encontro com outros universos de referências aos quais não tínhamos tido acesso até então. Pesquisar desencadeia um processo que pode representar o encontro com o "Fantasminha Camarada" do Conhecimento, encontro com o mundo do desconhecido, mundo dos mistérios a serem desvendados - sabendo que, como universos, estes mistérios são infinitos.

Acredito que a pista para conseguir dialogar com o pesquisador iniciante em potencial é tentar agenciar o que Guattari (1992) chama de ritornelo. Eu diria, simplificada, 'um elo que retorna'. O ritornelo se produz quando algo toca o sujeito em particular, estabelece o laço e passa a ser ao mesmo tempo o próprio sujeito em produção, em relação. Neste sentido, há um texto de Buber, precioso. Depois de elencar diversas possibilidades de prismas para observação de uma árvore, ele afirma:

A árvore permanece, em todas estas perspectivas, o meu objeto tem seu espaço e seu tempo, mantém sua natureza e sua composição.

Entretanto pode acontecer que simultaneamente, por vontade própria e por uma graça, ao observar a árvore, eu seja levado a entrar em relação com ela; ela já não é mais um isso. A força de sua exclusividade apoderou-se de mim (...). A árvore não é uma impressão, um jogo de minha representação ou um valor emotivo. Ela se apresenta "em pessoa" diante de mim e tem algo a ver comigo e, eu, se bem que de modo diferente, tenho algo a ver com ela. (Buber, 1974, p.8-9)

Outro ponto crucial diz respeito aos pressupostos epistemológicos do ensinar, do estimular a produção do conhecimento. Em outras palavras, o que nós intencionamos que o conhecimento signifique para o pesquisa-



dor? Um fantasma, assustador o suficiente para colocá-lo em contato com as agruras do mundo adulto do meio acadêmico, com sua marca cartesiana de valorização do saber e, portanto, de medição na dita avaliação? E mais, o que nós - educadores - pensamos que deve ser o Trabalho de Conclusão de Curso, mais especificamente, e a pesquisa acadêmica, de modo geral? Um produto manufaturado segundo regras rígidas, formas bem forjadas para a produção em série? Muito diferente disso, penso que a investigação científica deve ser produzida como uma obra de arte (no sentido da produção estética), que represente a criação do próprio artista - do ser que a produz -, que se vê capaz de crescimento, de amadurecimento intelectual e de vida, autopoiese. Defendo, sim, o objeto paixão-pesquisa, porque entendo que, para se embrenhar numa investigação, necessita-se da impetuosidade e do gozo de quem vive a paixão. O gosto de quem passa madrugadas, se for preciso, em busca do prazer... de quem quer ficar junto... o gosto de quem quer sempre mais. De quem vibra. De quem se emociona com o que faz.

Eu brinco sempre com os alunos, dizendo que é necessário transformar o fantasma Trabalho de Conclusão de Curso, o TCC - momento em que eles encontram a pesquisa de forma compulsória -, em um "fantasminha camarada" - lembrando o personagem de desenho animado, Gasparzinho. Isso quer dizer o encontro com alguém que possibilita o contato com o mundo desconhecido, com instâncias de um 'outro' mundo, de outros universos de significação e o faz com doçura, com ternura, ajudando-nos a superar o medo do novo, encarando-o com o gosto de quem encontra o mistério. O gosto de quem não entende tudo, mas consegue predispor-se ao encontro dessa verdade: ninguém entende tudo.

Não há perfeição no conhecimento. A não ser, supostamente, para alguns apegados fortemente à tradição da lógica cartesiana-mecanicista-reducionista do saber. Alguns que, não por maldade - quero crer -, mas por terem passado duramente pelas instâncias de julgamento deste reino em que se transformou o meio acadêmico e, acreditam - também quero crer - que defendendo com 'unhas e

dentes' os rigores da lei, seja metodológica, teórica, epistemológica ou técnica - ou tudo isso ao mesmo tempo, estão fazendo o melhor para o aluno.

A questão para mim, então, 'esbarra' em dois conceitos da Psicologia, relacionados ao desejo e que podem nos ajudar a compreender os diferentes pressupostos na educação e no ensino da pesquisa. O conceito de desejo tem sido amplamente discutido na Psicologia, por representantes das grandes vertentes dessa área de conhecimento. Entendo como particularmente interessante, neste sentido, o contraponto entre a visão de Jacques Lacan (1990, 1998a, 1998b) e a de Félix Guattari (1981, 1987, 1988, 1992a, 1992b, 1995; Guattari e Rolnik, 1986).

Para usar uma linguagem simples, é possível lembrar que para o Lacan, o ser humano é alguém barrado, que vive a inevitabilidade da existência de limites, da constatação da **falta** e, desse modo, seria a constatação dessa falta a base para o surgimento do desejo. Então, segundo Lacan, 'o sujeito deseja porque constata a falta' (Cabas, 1982; Baptista, 1996a; Freitas, 1992; Lepargneur, 1972; Ogilvie, 1988; Vallejo e Magalhães, 1977). Essa visão está muito adequada à lógica, na educação, de antes de tudo apontar os erros dos alunos. De avaliação rigorosíssima, em que o melhor professor é aquele que aponta mais coisas erradas na produção do aluno. Há professores que conseguem até verbalizar isso, quando proferem frases como "Eu estraçalhei o trabalho dele (...)", com satisfação.

A outra visão é a de Guattari, que nos apresenta a idéia de que o desejo não surge da falta, mas da potência do devir, do que pode vir a ser. Não ignora a falta, mas deixa claro que a força do desejo não está na falta, mas na possibilidade de preenchimento dessa falta. Considero bastante significativa a escrita de Kehl:

A alegria de desejar depende de uma certa dose de confiança no real, uma certa quantidade de experiências de gratificação que permitam esperar que esse lugar externo ao psiquismo para onde se espraia a "fome do mundo" seja um lugar de onde possa vir alguma espécie de prazer e alguma espécie de confirmação, de aplacamento, pelo menos temporário, de minhas indagações. (Kehl, 1990, p.366-367)

Quer dizer, é preciso que o sujeito acre-



dite na possibilidade de obtenção de experiências de gratificação, de alguma espécie de prazer. Assim, no processo de ensino-aprendizagem, no ensino da pesquisa em geral e, particularmente, no processo de produção de uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso, por exemplo, penso ser interessante que o aluno se perceba como alguém potente, como alguém capaz, que realiza uma obra (de arte, no sentido da produção estética), que realiza uma sua obra, que mostra a si mesmo como alguém que 'está podendo'. O trabalho neste sentido tem que ser sempre o melhor possível e esse possível precisa estar sendo o tempo todo ampliado. Fundamental o investimento para que o aluno chegue à avaliação com o seu melhor trabalho, para que tenha orgulho, satisfação de apresentar-se... ainda que vivendo a 'insegurança' natural da exposição...

Compreendo ser importante a disposição para obter do aluno o seu melhor, sempre visando a ampliação dos patamares existentes, mas acredito que o processo tem que partir do respeito ao que o aluno é, ao seu potencial. Eu ouvi na banca de avaliação da minha dissertação de mestrado, de um dos meus mestres intelectuais, o professor Eduardo Peñuela Canizal, a seguinte fala: "Maria Luiza, eu vou comentar o seu trabalho por tudo o que você produziu. Não vou falar sobre o conhecimento que eu tenho, porque ele me faria, em alguns momentos, fazer opções diferentes (...)".

Eu considero esta fala emblemática, por vários motivos. Primeiro pelo respeito que ela denota. Respeito por quem produziu. Segundo pelo conhecimento que ela representa. Conhecimento de quem entende que uma pesquisa é, como eu tenho dito, uma espécie de jogo de escolha múltipla. Um jogo em que as escolhas são muitas. E, neste sentido, claro que, depois de pronto o texto, um outro pesquisador pode pensar 'n' outras opções, outros caminhos que poderiam ser trilhados. Caminhos que à primeira vista podem aparecer como 'os' verdadeiramente corretos, mas basta um pouco de humildade para considerar que nestes tempos de rediscussão do conceito de ciência, de forma tão intensa, já há uma grande parcela dos cientistas que compreende que não existe A Verdade, segundo a

lógica da unicidade...

Já me declarei apaixonada por metodologia e ressaltei a necessidade de parâmetros sérios na produção do conhecimento. Só que aprendi a reconhecer na metodologia elementos que *senalizam*, como *trilhas referenciais*, que se constituem em instrumentos de trabalho, bagagem essencial para as 'viagens intelectuais de investigação de mundos encantados a serem conhecidos'. Mundos encantados pelo mistério do desconhecido. Mundos que exigem dedicação e disposição para o encontro e a ousadia que é se sentir ignorante - no sentido literal. Humildade para perceber que se sabe muito pouco diante da intensidade e grandiosidade dos fluxos de informação e de conhecimento, circulantes e mutantes, por natureza.

Assim, sugiro para os mais obstinados e decididos em alardear, de dedo em riste, o método correto, o caminho: tentem ler todos os textos de metodologia que existem e, não conseguindo, o que é óbvio, com os que conseguirem, observem que eles se contradizem em muitos pontos. As discordâncias são de grande amplitude. Podem variar do modo de fazer a referência de um texto até os níveis epistemológicos mais complexos - numa concepção de metodologia mais ampla. Quer dizer, se há tantas controvérsias é porque os grandes pilares que sustentaram a clareza da visão científica, do saber acadêmico, estão em derrocada, como a torre de Babel das línguas do conhecimento. Estamos de novo diante da multiplicidade, como característica fundante dos universos significacionais. Estamos vivendo a emoção da explicitação constante das nossas 'diferenças', tentando manter sempre o respeito pelo outro, pelo não-eu.

Em terra de cego...

A perda da referência única, garantida durante a modernidade pelas ditas macro teorias globalizantes, convida para a revisão dos nossos pressupostos. Algo como a constituição de um mapa mínimo, uma cartografia no sentido que Rolnik (1989) usa o termo. Uma trama de referências que nos auxiliem no contato com o desconhecido, que atenuem a cegueira das luzes da racionalidade exacerbada. Avançando um pouco e aprofundando em certa medida algumas dessas trilhas, apresento agora alguns dos meus pressupostos científicos, na tentativa



de detalhar conceitualmente pontos das minhas considerações.

A Ciência na Modernidade, a partir dos pressupostos da Revolução Científica, foi construída através da fragmentação dos fenômenos em suas unidades básicas, para tentar compreender-lhes o funcionamento mecânico, considerando suas manifestações concretas. Uma ciência atrelada ao Método, em busca de uma Verdade, a ser desvendada por pesquisadores objetivos. Diferente disso, meus pressupostos científicos aliam-se a visões que consideram prioritários outros critérios.

Considero que estamos sendo convidados ao contato com o caótico. Neste sentido, percebo como exemplar o termo “caosmose”, que dá título a um dos livros de Félix Guattari, numa fusão de cosmo, caos, osmose. Lembro também Restrepo que chama a atenção para a perspectiva de Walter Freeman, nos ensinando que

(...) nos seres humanos, o comportamento complexo depende do caos subjacente à atividade cerebral. Caos que deve ser entendido não como algo nocivo, mas como garantia de flexibilidade neuronal que dá suporte aos processos de aprendizagem. (Restrepo, 1998, p.95)

O contemporâneo é profundamente caótico. Lidar com o contemporâneo é deparar-se com um tempo de metamorfose, esse tempo em que vivemos. Um tempo de cegueira, como nos ensina Saramago (1995) e Morin (1986, 1991, 1993, 1998). Uma cegueira branca, talvez decorrente das luzes da racionalidade moderna. No romance *Ensaio sobre a Cegueira*, temos a ficção de um mundo que retorna à horda primitiva, só que em escala ampliada. A metáfora é evidente, constituindo-se em um belíssimo retrato do caos contemporâneo. Neste trecho, Saramago é direto:

(...) encontramos-nos no caos, o caos autêntico deve ser isto. Haverá um governo, disse o primeiro cego, Não creio, mas, no caso de o haver, será um governo de cegos a quererem governar cegos, isto é, o nada a pretender organizar o nada. Então não há futuro, disse o velho da venda preta, Não sei se haverá futuro, do que agora se trata é de saber como poderemos viver neste presente, Sem futuro, o presente

não serve para nada, é como se não existisse, Pode ser que a humanidade venha a conseguir viver sem olhos, mas então deixará de ser humanidade, o resultado está à vista, qual de nós se considerará ainda tão humano quanto antes cria. (...) Regressamos à horda primitiva, disse o velho da venda preta, com a diferença de que não somos uns quantos milhares de homens e mulheres numa natureza imensa, intacta, mas milhares de milhões num mundo descarnado e exaurido. (Saramago, 1995, p.244)

Sem usar diretamente a metáfora da cegueira, Restrepo fala do analfabetismo afetivo, trazendo uma grande contribuição para pensar a “pesquisa científica”.

A separação entre razão e emoção é produto do torpor e do analfabetismo afetivo a que nos levaram um império burocrático e generalizador que desconhece por completo a dinâmica dos processos singulares. Dado que nossas cognições são determinadas por fenômenos de dependência e interdependência, por cruzamento de gestos e corpos, é impossível continuar excluindo a afetividade do terreno epistemológico (...). (Restrepo, 1998, p.37)

Já Edgar Morin fala de uma inteligência cega, ensinando que existe uma nova cegueira, ligada ao uso degradado da razão.

Adquirimos conhecimentos espantosos sobre o mundo físico, biológico, psicológico, sociológico. A ciência impõe cada vez mais os métodos de verificação empírica e lógica. As luzes da Razão parecem rejeitar nos antros do espírito mitos e trevas. E, no entanto, por toda parte, o erro, a ignorância, a cegueira, progredem ao mesmo tempo que os nossos conhecimentos. (Morin, 1991, p.12)

É a partir da compreensão dos limites dos pressupostos que orientaram a produção do conhecimento e da comunicação na Modernidade que busco novas bases, novos pressupostos - não necessariamente um novo paradigma. Encontro algumas visões teóricas, que me auxiliam, como a visão sistêmica da teia da vida, e seus múltiplos entrelaçamentos, a lógica do pensamento complexo, a concepção de caos e do que se pode chamar uma ciência pós-moderna, além, é claro, da perspectiva da pesquisa afetiva, que mobiliza os afetos, que venho praticando e defendendo (Restrepo, 1998).



VISÃO SISTÊMICA

Ao longo deste século, a visão sistêmica foi se conformando, tendo os critérios delineados a partir de um aprofundamento da compreensão de teóricos como os biólogos orgânicos, psicólogos da Gestalt e ecologistas. Os avanços proporcionados pela Física Quântica também foram decisivos para a mudança de pensamento que começou a questionar o 'império' da visão mecanicista-reducionista-cartesiana, que predominou desde a Revolução Científica.

Percebo, cada vez mais, que os pressupostos que tento delinear estão intrinsecamente relacionados com os denominados critérios da teoria sistêmica (Capra, 1997, p.46). São eles:

1. mudança da visão das partes para o todo - e compreensão que os sistemas são totalidades integradas, com propriedades não reduzíveis às partes;
2. capacidade de deslocamento contínuo nos níveis sistêmicos - uma espécie de ruptura com as hierarquizações rígidas e com a fixidez dos 'pré-conceitos' - ainda que considerando as peculiaridades das propriedades sistêmicas de um determinado nível, ou seja, das chamadas "propriedades emergentes" deste nível;
3. compreensão de que não há partes, mas padrões numa teia inseparável de relações. Portanto, as relações é que são fundamentais. Na década de 70, Geoffrey Chew, em sua filosofia *bootstrap*, já apresentava o universo como uma

(...) teia dinâmica de eventos inter-relacionados. Nenhuma das propriedades de qualquer parte dessa teia é fundamental; todas elas resultam das propriedades de outras partes, e a consistência global de suas inter-relações determina a estrutura de toda a teia. (Capra, 1997, p.48)

Neste critério, vale destacar, como decorrência, a importância de pensar em termos de redes;

4. ruptura com a concepção tradicional de objetividade científica. "Quando percebemos a realidade como uma rede de relações, nossas descrições também formam uma rede interconectada de concepções e de modelos." (Capra, 1997, p.48). Trata-

se da mudança da ciência objetiva para a epistêmica, onde a epistemologia integra a teoria científica;

4. compreensão do limite de todas as concepções e de todas as teorias científicas. Estas passam a ser vistas como limitadas e aproximadas. "A ciência nunca pode fornecer uma compreensão completa e definitiva" (Capra, 1997, p.49).
5. Lógica processual - a estrutura do sistema é vista como manifestação de processos subjacentes. O aspecto processual foi enfatizado por Ludwig von Bertalanffy, no final da década de 30 e depois explorado pela teoria cibernética, década de 40. Este biólogo austríaco é conhecido por ter sistematizado os primeiros princípios de organização dos sistemas vivos. Há, no entanto, registros de que Alexander Bogdanov, médico, filósofo e economista russo, concebeu uma teoria geral dos sistemas, intitulada Tectologia, entre 1912 e 1917. Tectologia, do grego tekton = construtor, pode ser traduzida como 'ciência das estruturas' (Capra, 1997, p.50-51).
6. caráter efêmero/mutação - compreensão dos sistemas abertos, que precisam de um contínuo fluxo de matéria e de energia, extraídas do seu ambiente. "(...) os sistemas abertos se mantêm afastados do equilíbrio, nesse 'estado estacionário' caracterizado por fluxo e mudança contínuos." Bertalanffy chamou esse equilíbrio dinâmico de "equilíbrio fluente" (Capra, 1997, p.54).
7. consideração de dimensão de entropia (desordem) nos sistemas - a ciência que se desorienta, tentando se re-orientar;
8. a ciência se sensibiliza, na medida em que o sujeito cientista tem que captar o real também a partir de dimensões sutis, sensíveis, abstratas, dos fluxos que o compõem, que compõem os universos da significação.

PENSAMENTO COMPLEXO

Os critérios da teoria sistêmica relacionam-se também com a lógica do pensamento



complexo, apresentada por Edgar Morin. Este autor é uma referência importante quanto à flexibilização do processo de busca de conhecimento, considerando a incerteza como algo inerente. Segundo o próprio autor, a complexidade pode ser pensada com base em três princípios: o diálogo, a recursão organizacional e o princípio hologramático. Morin ensina a pensar a ordem e a desordem em termos dialógicos. “A ordem e a desordem são dois inimigos: um suprime o outro, mas ao mesmo tempo, em certos casos, colaboram e produzem organização e complexidade” (1991, p.89).

A metáfora do redemoinho é usada para explicar o princípio da recursão organizacional.

A idéia recursiva é portanto uma idéia em ruptura com a idéia linear de causa/efeito, de produto/produtor, de estrutura/superestrutura, uma vez que tudo o que é produzido volta sobre o que produziu num ciclo ele mesmo auto-constutivo, auto-organizador e auto-produtor. (1991, p.90)

A visão da complexidade ajuda-me muito a pensar o processo comunicacional como trama e, portanto, também as relações no ensino e na pesquisa. Ilustradora é, então, a idéia de emergência na constituição do todo complexo: “(...) um todo emerge a partir de elementos constitutivos que interagem, e o todo organizador que se constituiu retroage sobre as partes que o constituem” (Morin et al., s.d., p.23). Sustenta esta visão, evidentemente, o princípio hologramático.

Ressalto, ainda, que a lógica da complexidade interessa-me por razões epistemológicas, razões intrinsecamente ligadas aos porquês da produção do conhecimento, da investigação. Compreendo, a partir de Morin, que fazer essa opção não é o caminho mais seguro, mas tem, para mim, a honestidade de correspondência com algo que posso chamar de ‘olhar-prisma’, de visão multifacetada.

PÓS-MODERNIDADE

Na contemporaneidade, em meio ao aprofundamento sistêmico, sob a lógica da complexidade, encontramos o polêmico con-

ceito de Pós-Modernidade. É o que eu chamo de ‘vespeiro teórico’. A polêmica provém de questionamentos acerca do fim ou não da Modernidade (Touraine, 1994) - num primeiro momento - até os desassossegos provocados pelo que os críticos à Pós-Modernidade chamam de relativismo exacerbado.

É o que pode ser ilustrado, por exemplo, pela iniciativa de Alan Sokal, professor de física da Universidade de Nova York, que encaminhou um artigo, aceito para publicação na revista *Social Text*, reconhecido periódico norte-americano, dedicado à filosofia e à sociologia da ciência. O artigo foi escrito propositalmente com uma “linguagem pós-moderna”, apresentando uma série de contradições e incoerências. A idéia foi demonstrar que uma revista de “(...) primeira linha na área de estudos culturais (...) publicaria um artigo abundantemente preenchido com absurdidades (...)” (Abramo, 1996, p.3). Na verdade, cito o caso apenas para ilustrar a crítica, já que acredito que entre as razões dos editores para a publicação do artigo está menos a sedução dos termos pós-modernos e mais o “peso Moderno” do nome do cientista. A Modernidade também pode ser caracterizada como um tempo de hipervalorização do saber reconhecido - leia-se adequado aos dogmas estabelecidos pela noção de ciência desenvolvida depois do século XVI - um saber alçado ao topo da hierarquia social, sustentando e sustentado por outros ‘lugares’ do poder, o econômico e o político.

A instabilidade causada pelo Pós-Moderno aos pilares racionalistas do saber é muito grande e questiona a base destes ‘lugares’ de poder. É algo como a derrubada do edifício cartesiano que estamos vivenciando - a queda da nossa Torre de Babel, erigida graças à ousadia do ser humano. Na Modernidade, o ser humano imaginou-se capaz de controlar a natureza, de inventar tantas máquinas, de produzir um saber tão grande, a tal ponto que isso o constituiria como todopoderoso... Só que é essa mesma humanidade que se depara com uma crise imensa de reconhecimento, de relacionamentos... crise de existências... Crise que produz a *confusio linguarium*, a fragmentação das línguas, numa espécie de ebulição semiótica.



Porque nestes séculos, chamados obscuros, assiste-se a uma quase repetição da catástrofe de Babel: ignora-se pela cultura oficial, bárbaros hirsutos, camponeses, artesãos, 'europeus' analfabetos começam a falar uma multiplicidade de novas línguas vulgares, das quais a cultura oficial aparentemente nada sabe ainda: estão a nascer as línguas que nós hoje falamos, e cujos primeiros documentos conhecidos serão fatalmente mais tardios (...) a cultura europeia reflecte a confusio linguarium. (Eco, 1996, p.32)

Vale lembrar também que os ataques ao termo 'pós-moderno' decorrem ainda de uma reacção ao pensamento que surgiu inicialmente como ruptura radical em relação aos pressupostos modernos. Claro, como qualquer ruptura, no início os movimentos foram bruscos, marcados pela necessidade de negação. O pensamento Pós-Moderno surge como negação, sob a égide de grandes bandeiras: "Fim da História", "Queda da Razão"... É compreensível, a nova maneira de ver o mundo começou atacando os alicerces da Revolução Científica: a linearidade da História, com a certeza de que a humanidade caminha para o progresso; e também põe por terra a razão, como força positiva que supostamente garantiria essa evolução natural.

Gianni Vattimo (1996, p.73) ensina que a "(...) modernidade es la época en la que el hecho de ser moderno se convierte en un valor determinante" e que o termo 'pos-moderno' tem sentido e se relaciona com o fato de que a sociedade contemporânea é caracterizada pela comunicação generalizada, a sociedade dos *mass media*. A perspectiva de Vattimo é bastante interessante, principalmente no que tange ao 'lugar' dos MCM, na constituição da "Sociedade Transparente".

Lo que intento sostener es: a) que en ele nacimiento de una sociedad posmoderna los mass media desempeñan un papel determinante; b) que éstos caracterizan tal sociedad no como una sociedad más 'transparente', más consciente de sí misma, más 'iluminada', sino como una sociedad más compleja, caótica incluso; y finalmente c) que precisamente en este 'caos' relativo residen nuestras esperanzas de emancipación. (Vattimo, 1996, p.78)

O que acontece é que, à medida em que a trama dos MCM torna-se mais complexa, explicita-se, pelo fluxo de informações, o cará-

ter caótico heterogêneo, múltiplo, hipertextual e complexo do real.

Estos medios - periódicos, radio, televisión, y en general todo aquello que hoy se denomina telemática - han sido determinantes para el venir a darse de la disolución de los puntos de vista centrales, de aquéllos a los que un filósofo francés, Jean Francois Lyotard, llama los grandes relatos (...) se han convertido en componentes de una explosión y multiplicación generalizada de Weltanschauungen: de visiones del mundo. (Vattimo, 1996, p.p.78-79)

Por tudo o que foi dito até agora, acredito que trabalhar teoricamente com uma visão Pós-Moderna exige, antes de mais nada, a explicitação de como os pressupostos pós-modernos estão sendo utilizados. O movimento teórico que se produz em nível mundial sob a rubrica 'Pós-Moderno' tem muitas faces, é 'multiplurifacetado', como não poderia deixar de ser, já que esta é uma de suas características intrínsecas. O que me interessa na visão Pós-Moderna é menos a polémica do termo e mais a explicitação de que trabalho com pressupostos evidenciados depois dos da Modernidade. Trata-se de toda uma concepção de ciência, envolvendo desde pressupostos gerais epistemológicos, metodológicos, teóricos, técnicos até as especificidades do objeto construído.

Na apresentação do livro de Maffesoli, Luiz Felipe Baêta Neves resume o que ele chamou de uma série de revisões conceituais:

(...) passa pelo próprio conceito de História; por uma visão holística não totalitária; pelo re-exame da importância do político e do econômico; por uma reconsideração das diferenças entre os conceitos de "cultura" e "civilização"; por uma valorização do fluido, do simples, do polimorfo, do cambiante, do parcial; por uma fascinante proposição relativa ao papel da afetividade, da proximidade, do calor humano na constituição social (...). (Maffesoli, 1987, p.XI)

Acredito que estas considerações sintetizam a transformação do pensamento teórico na contemporaneidade, rumo ao que se pode chamar de Pós-Moderno, ou seja, depois da Modernidade. Como afirma o próprio Maffesoli, trata-se de um deslocamento de "(...) uma ordem social essencialmente mecanista para uma estrutura complexa a dominante orgânica"



(Maffesoli, 1987, p.4).

Por outro lado, convém salientar que é desnecessário e, mais, incoerente, abrir mão de todos os pressupostos da Modernidade. Eu disse antes que o Pós-moderno tem muitas faces. Vale destacar, então, que o prisma a partir do qual trabalho é o da “costura de saberes”, do não ‘pré-conceito’, da consideração da multiplicidade dos elementos visíveis e invisíveis na constituição dos universos de significação - estes, por sua vez, sistemas complexos, tendendo à incerteza, porque infinitos. Maffesoli alerta que “O fato de o dinamismo social não estar mais trilhando os caminhos da Modernidade não significa que esse dinamismo não exista mais dentro dela” (1987, p.5). E, neste sentido, coloca em questão o problema da sinergia: “(...) propor uma sociologia vadia que não seja ao mesmo tempo uma sociologia sem objeto” (1987, p.4).

Considero também uma bela síntese sobre o desafio pós-moderno as considerações apresentadas por Michele e Armand Mattelart, apesar de discordar da identificação das concepções pós-modernas como “o desenho de um novo paradigma (*sic*)”. Sobre este “paradigma”, afirmam:

(...) o do reconhecimento do sujeito e da pertinência de uma teoria que parte das percepções deste último, de sua subjetividade, que acolhe as vacilações da significação; que entrevê a comunicação como um processo dialógico onde a verdade, que não será nunca mais única, nasce da intersubjetividade. Contra o império da estrutura e a idéia de permanência, da reprodução estática a ela associada, lança-se o status do insignificante, do anônimo, do efêmero, do incidente, do fato comum, do instantâneo. Contra o herói da teoria, contra o herói da produção, contra o herói da história, lança-se o status do homem sem qualidade. (Mattelart, 1989, p.201)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficam aqui, então, algumas inquietações. Compartilho um pouco do que venho pensando, produzindo, encontrando nos meus parceiros teóricos. Espero tenha conseguido deixar claro que a minha intenção é contribuir com

o ensino da pesquisa, de modo a possibilitar sua ampliação, de modo a desmistificar a atividade, aproximando metodologia, ensino, pesquisa e sensibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Cláudio Weber. O telhado de vidro do relativismo. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais!, p.3, 15 set. 1996.
- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **A busca do sujeito-sujeito**. São Paulo : ECA/USP, 1991. Xerox.
- _____. A comunicação das baratas tontas. **Logos**, ano 5, n.2, 1993.
- _____. A interação subjetiva com o receptor. **Logos**, ano 7, n.1, 1995/1.
- _____. **Comunicação - trama de desejos e espelhos**. Canoas : ULBRA, 1996a.
- _____. Decifra-me ou te devoro. In: LIMA, Edvaldo Pereira (Org.). **Econautas - ecologia e jornalismo literário avançado**. Canoas : ULBRA; Fundação Peirópolis, 1996b.
- _____. A recepção, o visual e o sujeito. **Caesura**, Canoas, n.8, p.3-9, jan./jun. 1996c.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. 2.ed. São Paulo : Moraes, 1974.
- CABAS, Antonio Godino. **Curso e discurso da obra de Jacques Lacan**. São Paulo : Moraes, 1982.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente**. 12.ed. São Paulo : Cultrix, 1991.
- _____. **O Tao da Física - um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental**. 11.ed. São Paulo : Cultrix, 1990.
- _____. **A teia da vida - uma nova compreensão dos sistemas vivos**. 9.ed. São Paulo : Cultrix, 1997.
- CREMA, Roberto. **Introdução à visão holística - breve relato de viagem do velho ao novo paradigma**. São Paulo : Summus, 1989.
- _____. **Vida e morte da imagem. Uma história do olhar no Ocidente**. Petrópolis : Vozes, 1993.
- DEBRAY, Regis. **Lo Stato Seduttore. Le Rivoluzioni Mediologiche del Potere**. Roma : Sisifo, 1994.
- ECO, Umberto. **À procura da língua perfeita**. Lisboa : Presença, 1996.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio



- de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.
- FREITAS, Jeanne Marie Machado de. **Comunicação e psicanálise**. São Paulo : Escuta, 1992.
- _____. Eu é um outro. **Bemaldivida**. Xerox.
- _____. Teorias da Comunicação: questões e proposta. **Os primeiros de maio**. Tese, ECA/USP, 1978.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose - um novo paradigma ético-estético**. Rio de Janeiro : 34, 1992.
- _____. **O inconsciente maquínico**. Campinas : Papyrus, 1988.
- _____. **Revolução molecular - pulsações políticas do desejo**. 3.ed. São Paulo : Brasiliense, 1987.
- _____. **As três ecologias**. 3.ed. Campinas : Papyrus, 1981.
- _____. **Mil platôs. capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro : 34, 1995. v.1.
- GUATTARI, Félix, DELEUZE, Gilles. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro : 34, 1992.
- GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo**. 2.ed. Petrópolis : Vozes, 1986.
- HECKER FERREIRA, Lígia. **O mal-estar na escola - uma pragmática ético-estética**. Mestrado em Psicologia Clínica, PUCSP, 1998.
- KERCKHOVE, Derrick. **La civilizzazione videocristiana**. Milano : Feltrinelli, 1995.
- _____. **A pele da cultura - uma investigação sobre a nova realidade eletrônica**. Lisboa : Relógio D'água, 1997.
- KUHN, Thomas. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo : Perspectiva, 1976.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. 16.ed. México : Madrid; Bogotá : Siglo Veintiuno, 1990.
- _____. **A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1988.
- _____. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 3.ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1988.
- LEPARGNEUR, Hubert. Lacan e a psicanálise. **Introdução aos estruturalismos**. São Paulo : Herder; USP, 1972.
- LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro : 34, 1993.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação. Formulação de um Modelo Metodológico**. São Paulo : Loyola, 1990.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro : Forense, 1987.
- _____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre : Artes e Ofícios, 1995.
- _____. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro : Vozes, 1996.
- MATTELART, Armand y Michele. **O carnaval das imagens. A ficção na TV**. São Paulo : Brasiliense, 1989.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista. O Diálogo Possível**. São Paulo : Ática, 1986.
- _____. (Org.). **Novo pacto da ciência - a crise dos paradigmas - I Seminário Transdisciplinar**. São Paulo : ECA/USP, 1990-1991.
- MEDINA, Cremilda, GREGO, Milton. (Orgs.). **Novo pacto da ciência 3. Saber plural. O discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas**. São Paulo : ECA/USP/CNPq, 1994.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. São Paulo : Instituto Piaget, 1991.
- _____. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.
- _____. **O método 4. As idéias, habitat, vida, costumes, organização**. Porto Alegre : Sulina, 1998.
- _____. O pensamento em ruínas. In: **A decadência do futuro e a construção do presente**. Florianópolis : UFSC, 1993.
- MORIN, Edgar et al. **O problema epistemológico da complexidade**. 2.ed. Portugal : Europa-América, s.d.
- OGILVIE, Bertrand. **Lacan - a formação do conceito de sujeito**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1988.
- RABAÇA, Carlos Alberto, BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. São Paulo : Ática, 1987.
- RESTREPO, Luís Carlos. **O direito à ternura**. Petrópolis : Vozes, 1998.
- RODRIGUES FERNANDES, Heloísa (Org.). **Tempo do desejo - sociologia e psicanálise**. 2.ed. São Paulo : Brasiliense, 1991.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. São Paulo : Liberdade, 1989.
- _____. **Memorial. Concurso para ascensão na carreira para professor titular**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.
- _____. **Cidadania e Alteridade**. Mesa Redonda no IV Encontro Regional de Psicologia Social da ABRAPSO, 30 maio 1992a. Xerox.
- _____. **A morte de Guattari**. Rio de Janeiro, Homenagem a Guattari, Colégio Filosófico Internacional de Estudos Interdisciplinares, 8 out. 1992b. Xerox.
- _____. **Subjetividade e história**. Mesa Redonda no Curso de Psicanálise, Instituto Sedes Sapientiae, setembro de 1992c. Xerox.
- SANTOS, Boaventura Souza. **Um discurso so-**



- bre as ciências.** 2.ed. Porto : Afrontamento, 1988.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira.** São Paulo : Companhia das Letras, 1995.
- TOURAINE, Alain. **Crítica da Modernidade.** Petrópolis : Vozes, 1994.
- VALLEJO, Américo, MAGALHÃES, Lígia C. **Lacan: operadores da leitura.** São Paulo : Perspectiva, 1977.
- VARELA, Francisco J. et al. **De Cuerpo Presente. Las Ciencias Cognitivas y la Experiencia Humana.** Barcelona : Gedisa, 1992.
- VATTIMO, Gianni. **La sociedad transparente.** 2.ed. Paidós Ibérica, 1996.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa : Presença, 1987.

